

CARTOGRAFIA SOCIAL DAS COMUNIDADES AFRODESCENDENTES EM CAMPINAS - SP



Comunidade Jongo Dito Ribeiro



**FASCÍCULO I: O TERRITÓRIO NA
PERSPECTIVA DA VIVÊNCIA**



“É na roda do Jongo que o mundo gira...”

Fonte: Ponto da Comunidade Jongo Dito Ribeiro





Participantes das Oficinas

Alessandra Ribeiro
Bianca Lúcia Ribeiro
Caroline Oliveira
Dandewara
Felipe Dhamas
Flávia Machado
Flávia Tamires
Jacinta Brito
Juliana Ribeiro
Luanda Sant'Ana
Lucas Silva
Lúcia Castro
Luciana Nunes
Maíra Silva
Maria Alice Ribeiro
Mário Machado
Nhemias Fuluke
Noélia Silva
Oluandéji
Vanessa Dias

Coordenação Geral do Projeto

Profa. Dra. Vera Lúcia dos Santos Placido
Docente da Faculdade de Geografia e extensionista da PUC-Campinas

Equipe de Pesquisa

Letícia Caroline de Oliveira
Maurício Corégio da Silva
Discentes da Faculdade de Geografia e bolsistas de extensão

Cartografia

Maurício Corégio da Silva
Danilo Mangaba de Camargo

Projeto Gráfico e Editoração

Letícia Caroline de Oliveira

Fotografias

Profª. Dra. Vera Lúcia dos Santos Placido
Acervo da Comunidade Jongo Dito Ribeiro
Letícia Caroline de Oliveira
Maurício Corégio da Silva

Editora:

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, PUC-Campinas. Rodovia Dom Pedro I, Km 136. Parque das Universidades, CEP: 13086-900

ISSN 2527-2381

Sumário

1 – Apresentação

2 - O que é a Comunidade Jongo Dito Ribeiro?

3 - Onde está a Comunidade?

4 - Pensando a Comunidade enquanto rede...

5 - Demandas da Comunidade

5.1- Especulação Imobiliária

5.2- Segurança

5.3- Preservação do Córrego Ipaussurama

5.4 - Placas de Sinalização

5.5- Preservação do Patrimônio Material

5.6- Salvaguarda do Patrimônio Imaterial

6- Um futuro possível (...)

7- Palavras Finais (...)

Apresentação

A Cartografia Social tem demonstrado, nas últimas décadas, novas possibilidades de percepção e gestão dos territórios. Seja na perspectiva de demandas sociais ou de reconhecimento dos territórios vividos, ela se desponta como um instrumento de fortalecimento das comunidades que evidenciam seu território retratando suas histórias e memórias, suas angústias e anseios, seus modos de vida e lutas de resistência.

Ao ser esse instrumento a Cartografia Social possibilita sairmos dos territórios de gestão unilateral para territórios de resistência reconhecidos como tal em uma cogestão, ou seja, gestão partilhada e compartilhada entre seus diferentes atores. Assim, a Cartografia Social não parte de um pressuposto preconcebido; ela é construída coletivamente dando a mesma oportunidade a todos de se manifestarem nos mapas. A sua magia, portanto, está na convergência que consegue retratar já que o indivíduo e o coletivo se somam e, nesta soma, percebe-se o poder das comunidades que se empoderam a partir do momento que percebem a dimensão do território e dele se apropriam.

Nesta perspectiva apresentamos o presente Fascículo – fruto de um Projeto de Extensão aprovado pela Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários - PROEXT – PUC-Campinas, para ser desenvolvido no biênio 2016-2017, intitulado: Cartografia Social das Comunidades Afrodescendentes em Campinas, SP.

Como sabemos as comunidades afrodescendentes são diversas em suas organizações política, social, cultural, econômica, entre outras. Conduzir a cartografia social de tamanha complexidade exige uma submersão em um mundo com sentidos e significados diversos. Conhecendo o desafio que nos esperava, nos aproximamos da Comunidade Jongo Dito Ribeiro e, após o estabelecimento de parceria, iniciamos o trabalho que consubstanciou neste Fascículo. Ele retrata não apenas a Cartografia Social da Comunidade Jongo Dito Ribeiro, ele reverbera sua importância enquanto registro de uma manifestação cultural que resiste ao tempo e as pressões globais de homogeneização dos lugares.

Este documento evidencia a rede geográfica da comunidade e, mais que isso, mapeia suas demandas sociais discutindo, em uma instância maior, a importância da Cartografia social para as lideranças comunitárias. Outrossim, traz em seu bojo o quanto esse instrumento nos reposiciona diante da cidadania e do direito à cidade. Ambos os temas são muito discutidos na atualidade e, embora compreen-

dendo que várias abordagens teóricas e metodológicas os cercam, é fato dizer que a cidadania e o direito a cidade têm uma relação estreita com o território vivido e com a sua efetiva apropriação. Este fascículo apresenta, de maneira clara e didática, esta trajetória: ou seja, como a Comunidade Jongo Dito Ribeiro é sabedora do seu território e, nesta condição, conhece muito bem os desafios que a cerca.

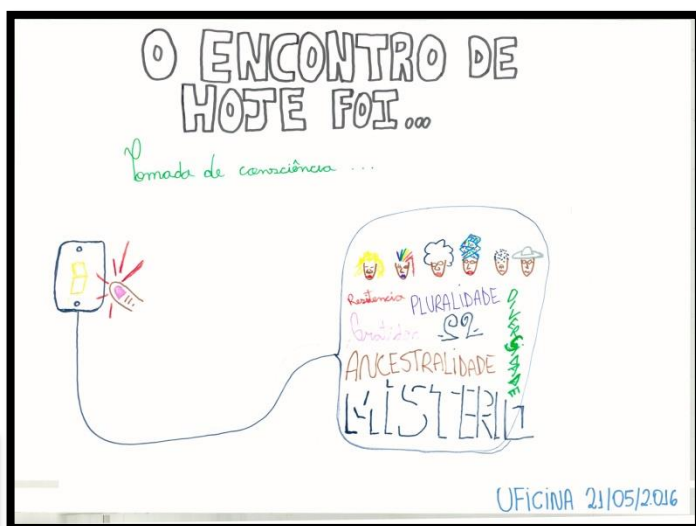
Está dividido em cinco partes: a primeira, retrata os primeiros exercícios relacionados ao diagnóstico da comunidade, com o questionamento “o que é a comunidade Jongo Dito Ribeiro?”. Associada a esta questão, o segundo questionamento: Onde está a comunidade Jongo? nos lança a pensar para além do lugar enquanto um ponto no mapa. Esta questão amplia a perspectiva de quem ocupa um território à medida que seus integrantes percebem que não se trata de uma fronteira física, facilmente delimitada. Trata-se de perceber a rede geográfica em que a comunidade está inserida. A discussão da rede compõe a terceira parte do fascículo que se abre muito naturalmente para reflexões a respeito de suas principais demandas sociais. Conjecturar demandas é também discutir a cidade para além da forma, mas procurando entender suas diferentes materialidades e como a Comunidade as acessa. O direito à cidade, entendido aqui como o mapeamento de suas principais demandas compõe a quarta parte do fascículo. Concluindo o documento, abre-se o diálogo com as lideranças da Comunidade Jongo e registra-se suas perspectivas de gestão futuras.

Tem-se assim um Fascículo que nos permite partir da identidade da comunidade e nos lança as perspectivas de suas lideranças quanto aos principais desafios a serem enfrentados por ela. É, em suma, um diálogo de gestão compartilhada e, ao mesmo tempo, um registro de uma memória viva que recria suas condições e projeta desejos de um futuro que se faz no presente. Espera-se com este documento que a sociedade como um todo perceba a riqueza da cultura afrodescendente e que cabe a todos nós garantirmos os meios para a sua manifestação, não pela tolerância, mas pelo respeito à sua cultura e aos seus direitos.

O que é a Comunidade Jongo Dito Ribeiro?

“Pessoas da periferia que se auto-organizaram. É uma família onde você se encontra com todos. Ela é diversificada. É um encontro de vários tipos de movimentos. Chegar aqui é entrar em um universo cultural e ancestral. Ela é também uma quebra de fluxos, pois há uma enorme dificuldade de se chegar à Fazenda Roseira pelo transporte público.” Fuluke

“É emoção, sentimento de energia, positividade, amor, acolhimento. É sentido.” Luciana



"Uma (RE) existência em Campinas, para a preservação e salvaguarda de nossa herança africana". Alessandra

“É um espaço agregador, para quem ta dentro e fora. É um reconhecimento das pessoas e sonhos. Laços territoriais e ancestrais. Conserva e produz respeito. A Comunidade é vivenciada no dia-a-dia. O problema do outro é o meu também. A Comunidade é única. Ela é ancestralidade.” Luanda

O ENCONTRO DE HOJE FOI...



“Um coletivo que leva a uma melhor vivência com os outros, a importância da mulher, respeito com os mais velhos e com as crianças.”

AMOR

“A casa da cultura existe porque o Jongo existe. A comunidade se reconhece nesse território e devolve a sociedade a beleza da cultura afrodescendente.”

FAMÍLIA

“É um coletivo de pessoas que salvaguarda a ancestralidade através do Jongo.”

COLETIVIDADE



“Ancestralidade. Reencontro com o passado para seguir o hoje e o amanhã. Experiências e sensações diversas. O apoio é uma segurança.”

Onde está a comunidade?

“As pessoas levam a Comunidade e o Jongo por onde passam; a Comunidade está em todos os espaços.”

Dandewara



“Parte do Jardim Roseira e vai criando redes de abrangência em toda Região de Campinas, estado, inclusive em outros países. A rede é de extrema importância. A Comunidade de Jongo está na pessoa e vai junto com a pessoa; a Comunidade ganhou várias ramificações.” Luanda

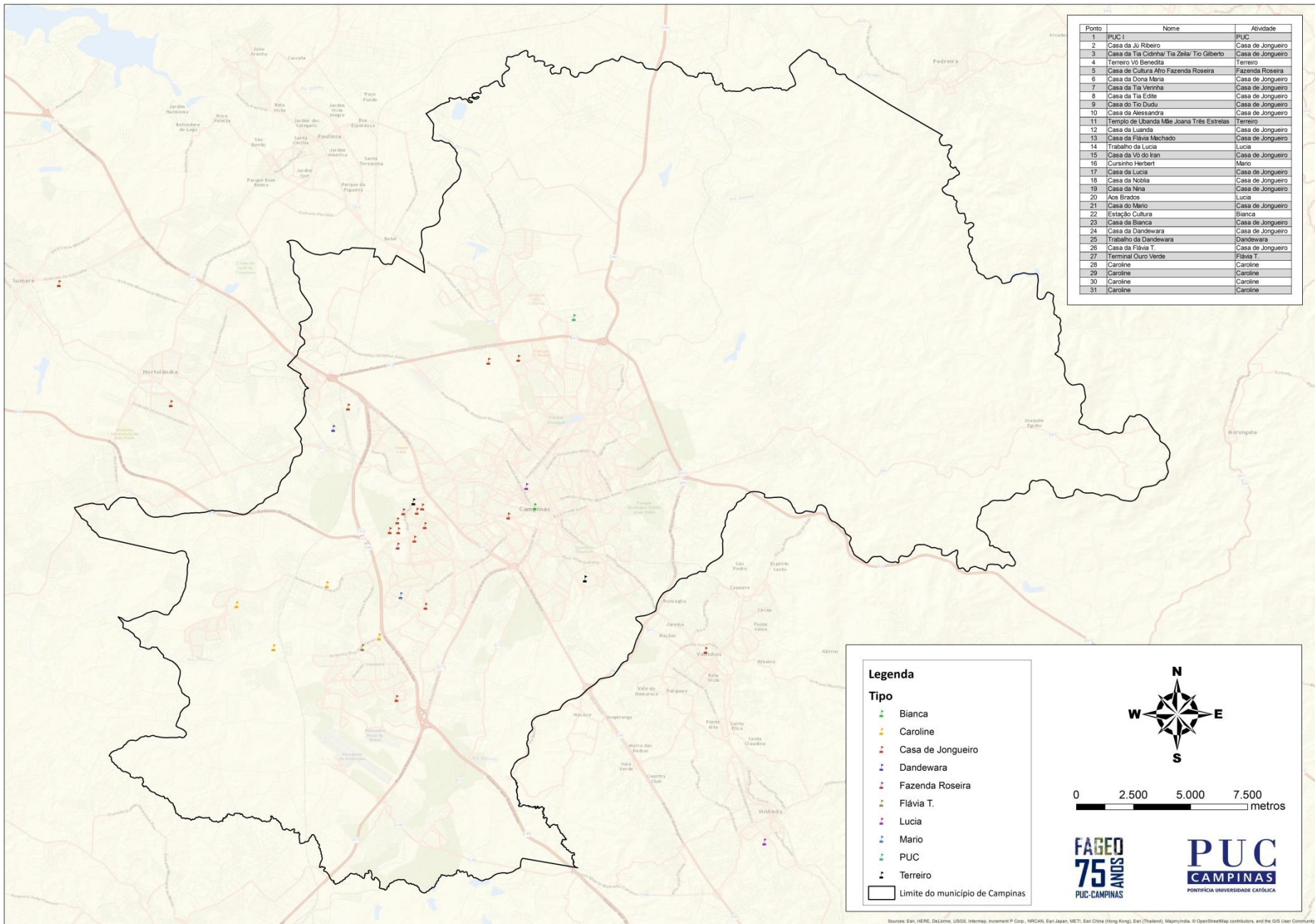
“O território da Comunidade é ilimitado.”

Maria Alice



“Eu não estou no Jongo, eu sou o Jongo. Ele é transmitido para outros lugares, onde estiver as pessoas da Comunidade o Jongo está.”

Bianca



Ponto	Nome	Atividade
1	PUC I	PUC
2	Casa de Jô Ribeiro	Casa de Jongueiro
3	Casa de Tia Carmel/ Tia Zelia/ Tio Gilberto	Casa de Jongueiro
4	Terreiro V5 Benedita	Terreiro
5	Casa de Cultura Afro Fazenda Roseira	Fazenda Roseira
6	Casa de Dona Maria	Casa de Jongueiro
7	Casa de Tia Verina	Casa de Jongueiro
8	Casa de Tia Edite	Casa de Jongueiro
9	Casa do Tio Dudu	Casa de Jongueiro
10	Casa de Alessandra	Casa de Jongueiro
11	Templo de Ioranda/ Mãe Joana Três Estrelas	Terreiro
12	Casa da Luanda	Casa de Jongueiro
13	Casa da Flávia Machado	Casa de Jongueiro
14	Trabalho da Lucia	Lucia
15	Casa de Vô do Ian	Casa de Jongueiro
16	Cursinho Herbert	Mario
17	Casa da Lucia	Casa de Jongueiro
18	Casa da Nobila	Casa de Jongueiro
19	Casa da Nena	Casa de Jongueiro
20	Aos Brastos	Lucia
21	Casa do Mario	Casa de Jongueiro
22	Estação Cultura	Bianca
23	Casa da Bianca	Casa de Jongueiro
24	Casa da Dandewara	Casa de Jongueiro
25	Trabalho da Dandewara	Dandewara
26	Casa da Flávia T.	Casa de Jongueiro
27	Terminal Ouro Verde	Flávia T.
28	Caroline	Caroline
29	Caroline	Caroline
30	Caroline	Caroline
31	Caroline	Caroline

Legenda

Tipo

- Bianca
- Caroline
- Casa de Jongueiro
- Dandewara
- Fazenda Roseira
- Flávia T.
- Lucia
- Mario
- PUC
- Terreiro
- Limite do município de Campinas

0 2.500 5.000 7.500 metros

FAGEO 75 ANOS PUC-CAMPINAS
PUC CAMPINAS PORTIFÍCA UNIVERSIDADE CATÓLICA

Sources: Esri, HERE, DeLorme, USGS, Intermap, increment P Corp., NRCAN, Esri Japan, METI, Esri China (Hong Kong), Swi (Taiwan), MapmyIndia, © OpenStreetMap contributors, and the GIS User Community

“Está na rede dos pontos de cultura nacional. Ela começa no quintal da Dona Maria e vai parar na rede de Jongueiros do Sudeste.” Flávia Machado



“Onde está o Jongueiro a Comunidade está. Está onde as pessoas carregam o Jongo na essência. O Jongo é prática e vivência, está no sentido.” Alessandra

“A dimensão territorial da Comunidade do Jongo é maior do que se esperava.” Noélia

“A Comunidade está espalhada e se espalha conforme as pessoas se movem.” Flávia Tamires



“Onde tem Jongueiro, o Jongo está.” Mário

“Está no espaço plural. Pela luta de gênero, a percepção do “jongo” se espalha pelo espaço e a Comunidade também se espalha. A Comunidade está nas pessoas.” Lúcia

Pensando a Comunidade enquanto rede...

“Todos esses caminhos que são percorridos aí significa que a mensagem do Jongo está chegando até esses lugares; entendo o jongo como centro dessa mensagem e a mensagem um empoderamento: conheça suas ancestralidades, saiba quem é sua família, saiba respeitar a diversidade, saiba fazer coisas em coletivo, e aí eu acho que isso é uma grande potência e que deve aparecer no nosso mapa.” Fuluke



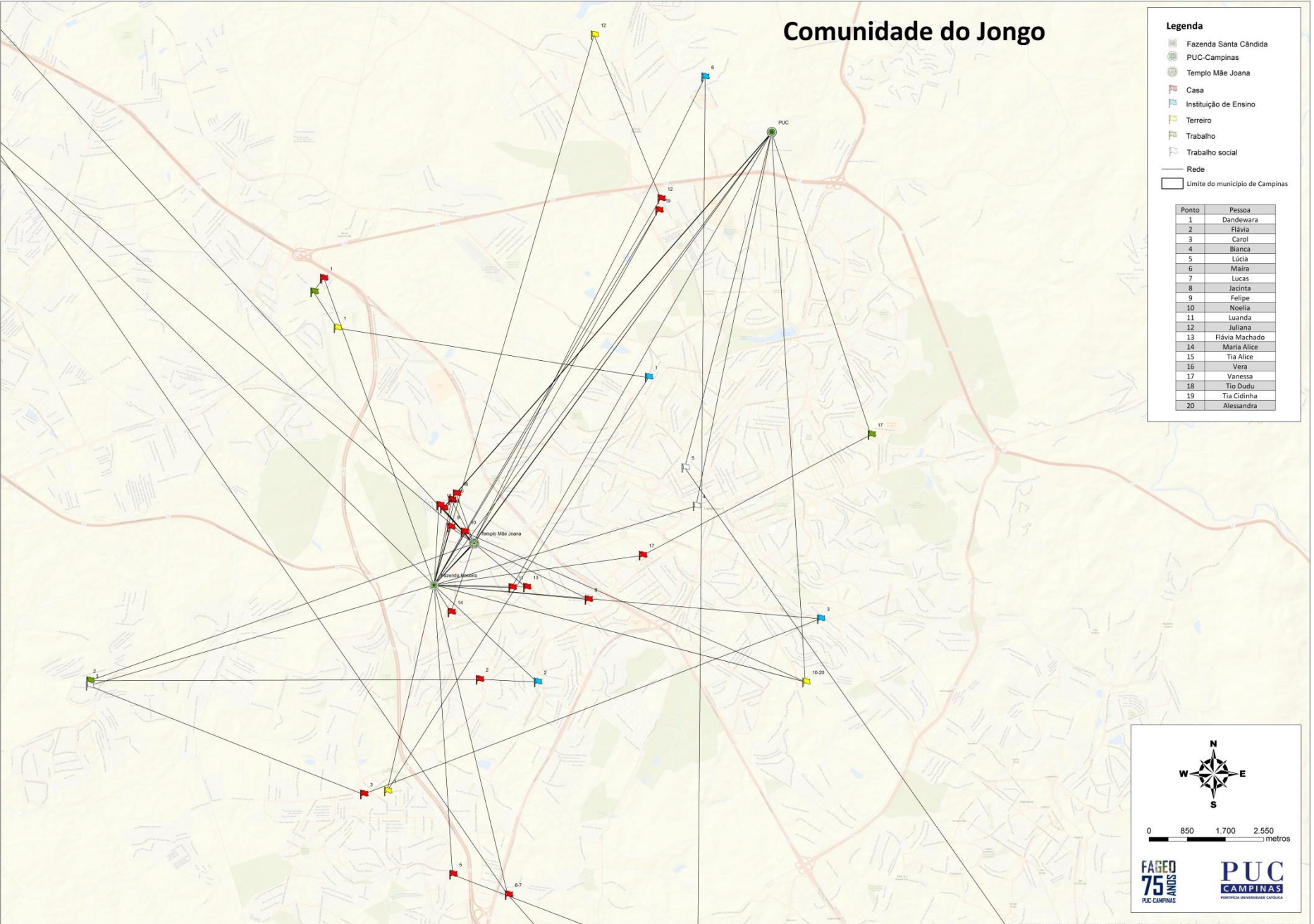
“Campinas tenta apagar toda essa história, tenta apagar a gente do mapa.” Lúcia

“Eu penso a importância de um mapa desse num Quilombo Urbano, por exemplo, que eu consigo falar para o pessoal de lá da minha comunidade, “olha o tamanho de Campinas e olha o rolê que o Jongo dá e você só vive aqui dentro do Oziel, tá ligado?” Existe tudo isso aqui em Campinas e a gente não tá nem ligado.” Fuluke

Comunidade do Jongo

- Legenda**
- Fazenda Santa Cândida
 - PUC-Campinas
 - Templo Mãe Joana
 - Casa
 - Instituição de Ensino
 - Terreiro
 - Trabalho
 - Trabalho social
 - Rede
 - Limite do município de Campinas

Ponto	Pessoa
1	Dandewara
2	Flávia
3	Carol
4	Bianca
5	Lúcia
6	Maira
7	Lucas
8	Jacinta
9	Felipe
10	Noelia
11	Luanda
12	Juliana
13	Flávia Machado
14	Maria Alice
15	Tia Alice
16	Vera
17	Vanessa
18	Tio Odu
19	Tia Cidinha
20	Alessandra



“O que falta para nos apropriarmos dessas consciências dessa dimensão do território para saber como queremos que os outros nos vejam, mais do que nos vejam, mas como vamos pautar esse território. Uma coisa é você passar por ele e deixar uma marquinha, a outra coisa é voce pautar esse território...”

Alessandra

“Se não nos apropriarmos desse território, estaremos vulneráveis para gestá-lo na totalidade.” Alessandra



“Devemos legitimizar esse território que ocupamos, para que as pessoas de fora nos enxergue.” Maíra

“As lideranças precisam pensar em estratégias de onde viemos, do território que ocupamos e o território que temos direito.” Alessandra

Demandas da Comunidade

Viver as cidades não é simplesmente transitar de um lugar para o outro como autômato, pois se assim fosse, toda cidade independente de sua importância, deveria ter funções pré-estabelecidas a fim de atender necessidades individuais. Para além disso, as cidades são desafiadoras enquanto espaços coletivos e de vivência e, talvez, esse seja o maior desafio para as gestões públicas atuais – conciliar espaços públicos e privados.

Esta ambiguidade entre os espaços públicos e privados geram disputas territoriais que acabam por expor os grupos considerados minoritários à segregação sócio territorial, excluindo-os da possibilidade de viver a cidade e acabam por apenas **viver nas cidades**, sendo cidadãos incompletos, como nos dizia Milton Santos, já que não acessam o que a cidade “os oferece”.

A cidadania, então, está diretamente relacionada com o modo em que diferentes grupos se apropriam da cidade e acessam seus diferentes serviços. Nesse sentido, discutir cidadania é discutir o direito a cidade e isso nos remete a entender os territórios de vivência na perspectiva das comunidades.

Ao elaborar a Cartografia Social da Comunidade Jongo Dito Ribeiro, a questão das demandas sociais surgiu espontaneamente e, para eles, há uma intersecção entre o que tange ao patrimônio material – casa de Cultura Fazenda Roseira e o que sentem e vivenciam quando se projetam enquanto tesouros vivos, ou seja, responsáveis diretos por manter a tradição do Jongo.

Assim, suas demandas principais diz respeito à segurança da Casa de Cultura Fazenda Roseira: a contenção da especulação imobiliária que, na última década, mudou drasticamente a arquitetura territorial da região; a preservação ambiental (área verde e o córrego Ipaussurama que corta a propriedade); a preservação do patrimônio material e, numa escala maior, a falta de sinalização (placas) que indiquem a Casa de Cultura Fazenda Roseira na cidade de Campinas. Quanto a esse último item, eles apontam críticas ao perceber a ausência de indicação nas principais avenidas da cidade, mesmo a John Boyd Dunlop, muito próxima à comunidade. Ao transitarmos pelas principais avenidas facilmente avistamos placas que sinalizam grandes lojas de departamentos e shopping centers, mas não há indicação da Casa de Cultura Fazenda Roseira que é onde está salvaguardado a Tradição do Jongo.

Ao elaborarem os mapas expressam claramente o quanto a territorialização da Casa de Cultura Fazenda Roseira é uma demanda imperativa no que diz respeito ao direito à cidade. Sabedores da rede geográfica que usam, anseiam por se apropriar efetivamente do território, não egoisticamente como, muitas vezes, acontecem em condomínios fechados pela cidade, mas por perceberem a conectividade entre os patrimônios material e imaterial. Sabiamente afirmam “o Jongo como patrimônio imaterial precisa do patrimônio material para se manifestar”. (Alessandra Ribeiro)

Comunidade Jongo Dito Ribeiro trabalhando as demandas na Puc Campinas.



Especulação Imobiliária

“A manifestação cultural corre risco pela especulação.” Alessandra



“É um massacre às culturas locais. Tendência de expulsar o que já tinha. Especulação é um processo violento.” Lucas

“A especulação não pede licença!” Lucas

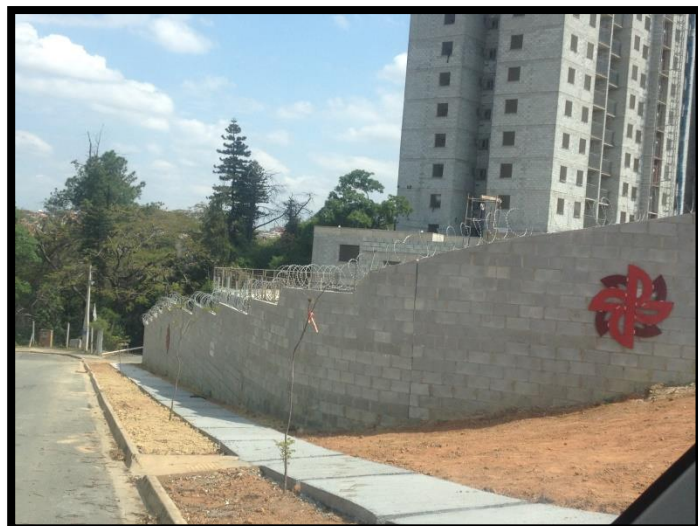
“O externo impede a manifestação interna.”

Noélia

“É algo que nos oprime, não tem leis específicas, impõe uma nova regra para o lugar.”

Vanessa

“O plano diretor nos oprime e desconsidera os espaços culturais” Oluandeji





Legenda:

 Área mexida

 Local atingido

 Preservação

Cartografia Sociais das Comunidades
Afrodescendentes em Campinas/SP

Comunidade de Jongo Dito Ribeiro - 2016

Demandas: Especulação Imobiliária

FONTES

- ESRI World Imagery
- Croquis Comunidade Dito Ribeiro

FAGEO
PUC-CAMPINAS

PUC
CAMPINAS
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

Comunidade
Jongo
Dito Ribeiro



Sistema de Projeção: Web Mercator
Datum: WGS 1984

0 375 750 1.500 Metros



“Ausência de respeito!” Jacinta



“Esse processo de especulação é muito violento!”

Maria Alice



“Precisamos de um planejamento democrático, uma gestão urbana diferente.”

Alessandra

“A gente tá aqui há 8 anos e estou numa montanha russa. Quando penso em focar no interno, tenho que focar no externo.” Alessandra

“Abrir o espaço para resistir à especulação é um processo.” Bianca

“Ela chega atropelando a cultura local.”

Segurança




A Casa de Cultura Fazenda Roseira, está localizada em um equipamento público, o qual foi ocupado em 2008 pela Comunidade Jongo Dito Ribeiro por um coletivo majoritário de mulheres negras. A Casa vem enfrentando ao longo desses anos diversos furtos e assaltos, no ano de 2015, a Associação de Jongo Dito Ribeiro recebeu a permissão de uso para a gestão das atividades culturais no espaço por tempo indeterminado, da qual a Prefeitura assumiu a segurança patrimonial do equipamento diante a vulnerabilidade do mesmo. Porém, com a falta de políticas de segurança aos equipamentos públicos culturais em Campinas, o segurança foi retirado após um ano, sob a justificativa de falta de recursos e novamente a Casa de Cultura Fazenda Roseira se encontra em situação vulnerável enfrentando novos incidentes.

Ausência de fechaduras adequadas





Legenda:

-  Delimitação da Área
-  Pontos Críticos
-  Cerca Viva de Bambu

Cartografia Sociais das Comunidades Afrodescendentes em Campinas/SP
Comunidade de Jongo Dito Ribeiro - 2016

Demandas: Segurança

FONTES

- ESRI World Imagery
- Croquis Comunidade Dito Ribeiro

FAGED
PUC-CAMPINAS

PUC
CAMPINAS
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

Comunidade
Jongo 
Dito Ribeiro



Sistema de Projeção: Web Mercator
Datum: WGS 1984

0 75 150 300 Metros



A área da Casa de Cultura Fazenda Roseira consiste em um equipamento público compartilhada entre a Secretaria Municipal de Cultura e a Associação do Jongo Dito Ribeiro, sendo este uma importante experiência e novo modelo de gestão para a cidade de Campinas requer maiores cuidados por parte de AMBOS gestores, pois não há cercamento adequado em todo o entorno, não há vigilância noturna, contando apenas com o alarme financiado pela Associação exigindo uma atenção redobrada das pessoas da Comunidade (Patrimônio Imaterial) para a preservação do equipamento (Patrimônio Material) e sua segurança.

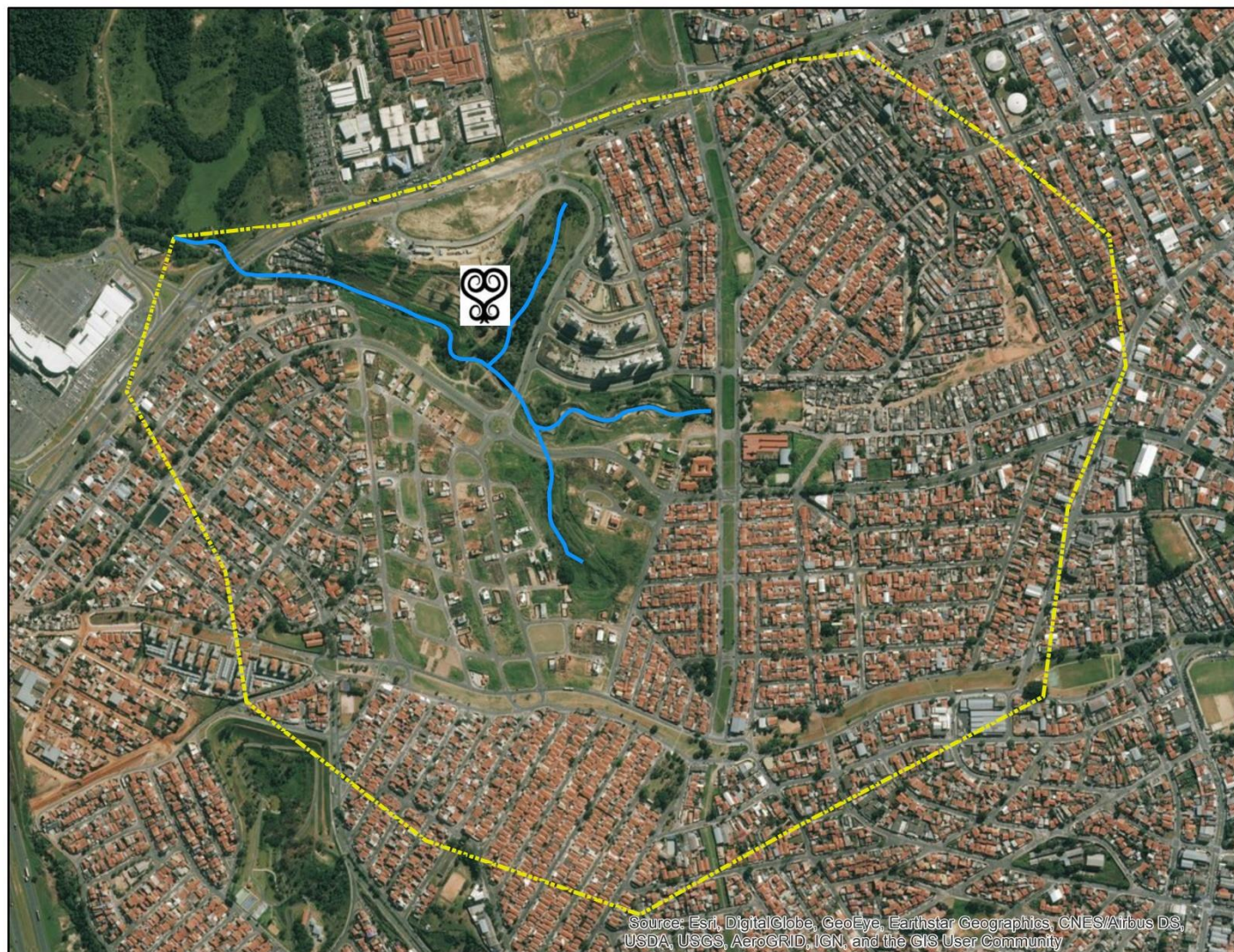
Preservação do Córrego Ipaussurama

Adjacente à Casa de Cultura Fazenda Roseira corre o córrego Ipaussurama, afluente do rio Capivari. Estando em uma área de preservação permanente (APP) o córrego conta com pouca mata ciliar no seu entorno.




Dentro da área de APP, estão localizadas duas nascentes que correm para o córrego Ipaussurama, o que indica que se houver um cuidado com este córrego, estima-se que poderá ser feito o uso da água do córrego tanto para a agricultura quilombola (Projeto Oxóssi – Okê Aro e Projeto Ossaim) como para o consumo humano.

Pensando na crise hídrica instalada no Estado de São Paulo, a recuperação do córrego ganha grande importância, pois a água dele seria de suma importância para a manutenção dos projetos da Casa, como o Projeto Oxum que depende desta recuperação. Também, partindo da compreensão da Cosmovisão Africana, “o rio é parte de nós, não é alheio como o pensamento eurocêntrico constituiu no seu fundamento filosófico.”

Pensando na crise hídrica instalada no Estado de São Paulo, a recuperação do córrego ganha grande importância, pois a água dele seria de suma importância para a manutenção dos projetos da Casa, Oxóssi e Ossaim. Também, partindo da compreensão da Cosmovisão Africana, o rio é parte de nós, não é alheio como o pensamento eurocêntrico constituiu no seu fundamento filosófico.



Legenda:

-  Fazenda Roseira
-  Córregos da Bacia
-  Bacia do Ipaussurama

Cartografias Sociais das Comunidades Afrodescendentes em Campinas/SP

Comunidade de Jongo Dito Ribeiro - 2016

Demandas: Preservação do Córrego Ipaussurama

FONTES

- ESRI World Imagery

FAGED
PUC-CAMPINAS

PUC
CAMPINAS
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

Comunidade
Jongo 
Dito Ribeiro

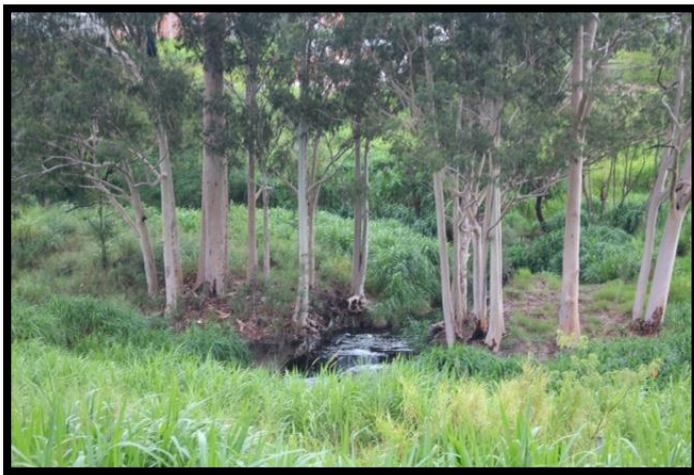
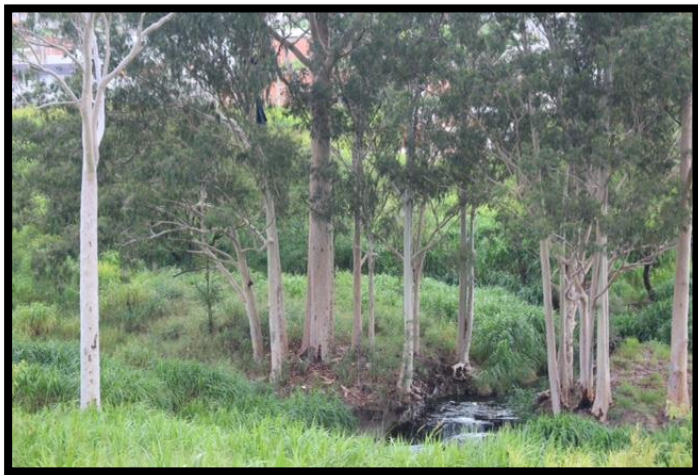


Sistema de Projeção: Universal Transversa de Mercator (UTM)
Datum: SIRGAS 2000

0 250 500 1.000 Metros

Source: Esri, DigitalGlobe, GeoEye, Earthstar Geographics, CNES/Airbus DS, USDA, USGS, AeroGRID, IGN, and the GIS User Community

Afluentes do Rio Capivari dentro da Fazenda Roseira



Nascente dentro da Fazenda Roseira



Placas de Sinalização

As placas de Sinalização são importantes pois (...)

“Mercadoria que não é
exposta não se vende.”

Maria Alice Ribeiro

“Só chego se sei onde fica.”

Vanessa Dias

“Tudo que está na placa é
importante para a cidade.”

Alessandra Ribeiro

“Sei onde quero chegar,
quando sei pra onde vou.”

Noélia Silva

“A placa evidencia o que está
escondido.”

Cristiane Ribeiro

“Só sei o caminho se me
dão a rota.”

Lucas Silva

“O que não é visto não é
lembrado.”

Alessandra Ribeiro

“O que está sinalizado
no território,
existe.”

Maíra Silva

“A placa legitima o que é
importante para a cidade.”

Lucas Silva

“Uma cidade bem sinalizada
é uma porta de acesso para
conhecer o desconhecido.”

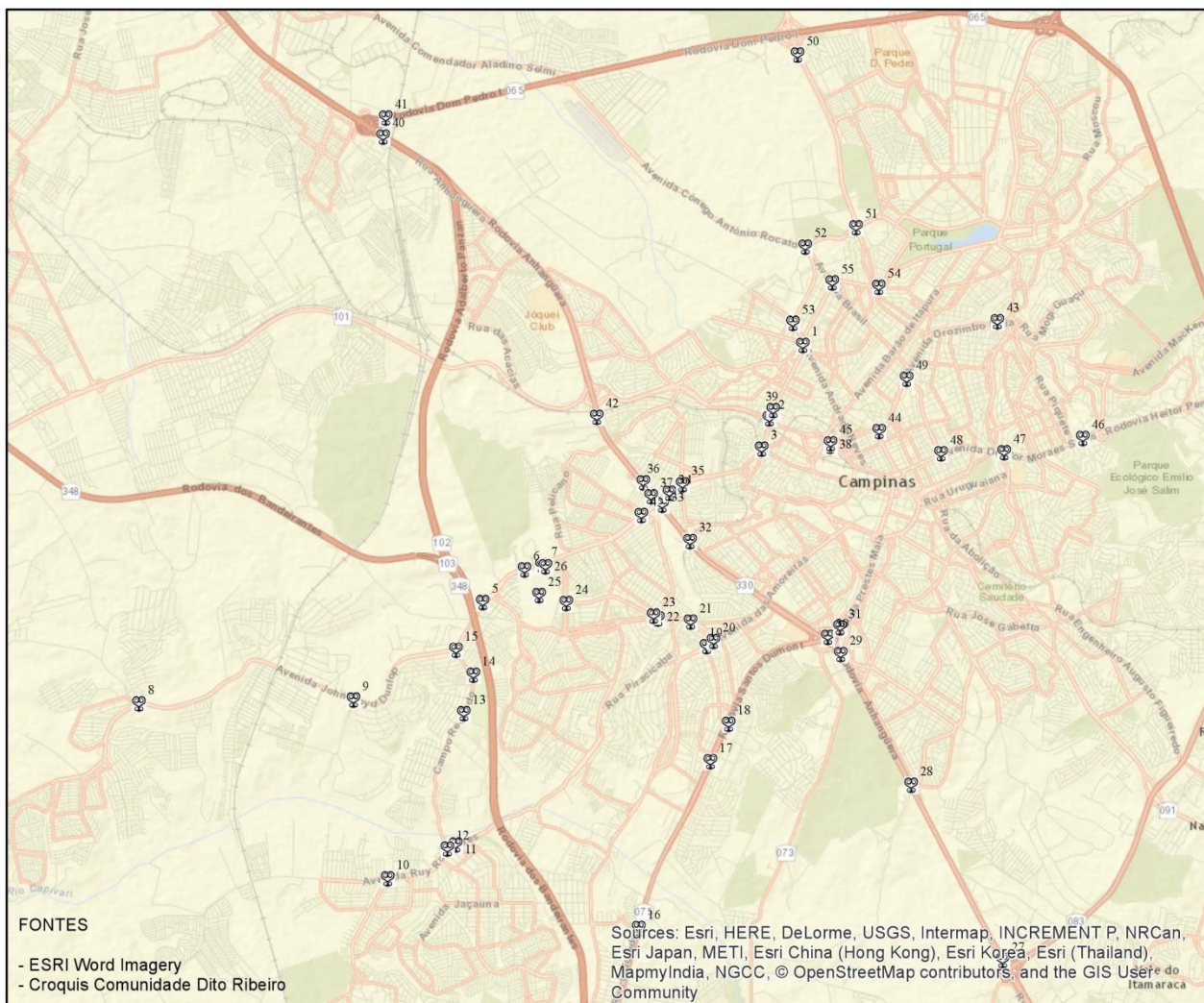
Flávia Tamires

“A sinalização urbana permite
o acesso de todos.”

Bianca Ribeiro

Placas

Demandas da Comunidade



FONTES
 - ESRI World Imagery
 - Croquis Comunidade Dito Ribeiro

Sources: Esri, HERE, DeLorme, USGS, Intermap, INCREMENT P, NRCan, Esri Japan, METI, Esri China (Hong Kong), Esri Korea, Esri (Thailand), MapmyIndia, NGCC, © OpenStreetMap contributors, and the GIS User Community



Sistema de Projeção: Web Mercator
 Datum: WGS 1984



Legenda:



Placa	Local	Descrição
1	Baíão do Castelo	Saída para a Av. Dr. Alberto Sarmento
2	Av. Dr. Alberto Sarmento	Sobre a ponte que cruza a Av. Lix da Cunha
3	Rua Joaquim Vilac	Entrada da Rua Joaquim Vilac em direção à Av. John Boyd Dunlop
4	Av. John Boyd Dunlop	Cruzamento da Av. Transamazônica
5	Av. John Boyd Dunlop	Altura do Shopping das Bandeiras, retorno para Av. John Boyd Dunlop
6	Av. John Boyd Dunlop	Entrada para a rua marginal da Fazenda Roseira
7	Rua Geraldo Sussolini	Entrada para o baíão da Roseira e chegada à Fazenda
8	Av. John Boyd Dunlop	Começo da Av. John Boyd Dunlop na altura do Parque Valença I
9	Av. John Boyd Dunlop	Altura da Pirelli
10	Av. Arymana	Entrada para Av. Ruy Rodrigues
11	Av. Ruy Rodrigues	Retorno da Av. Ruy Rodrigues na altura da Rua Yves Montand
12	Av. Ruy Rodrigues	Entrada para Rua Paulo Machado Morães
13	Av. Dep. Luis Eduardo Magalhães	Altura do Cemitério P. das Flores
14	Estrada do Campo Redondo	Entrada para Av. Prof. Mario Scolari
15	Av. Prof. Mario Scolari	Entrada para Av. John Boyd Dunlop
16	Rod. Santos Dumont	Sentido Campinas na altura do Jd. Itatinga
17	Rod. Santos Dumont	Av. Anton Von Zuben
18	Av. Anton Von Zuben	Entrada Av. Ana Beatriz Bierrembach
19	Av. Ana Beatriz Bierrembach	Entrada Av. das Amoreiras
20	Av. das Amoreiras	Entrada Av. Sen. Antonio Lacerda Franco
21	Av. Presidente Juscelino	Cruzamento da Av. Mirandópolis
22	Av. Presidente Juscelino	Entrada para Baíão do Laranja
23	Baíão do Laranja	Entrada para Av. Paulo Provenza Sobrinho
24	Av. Paulo Provenza Sobrinho	Altura da Escola Erci Moraes
25	Av. Paulo Provenza Sobrinho	Av. Dr. Labarit Sarian
26	Av. Dr. Labarit Sarian	Entrada para o baíão da Roseira e chegada à Fazenda
27	Rod. Anhanguera	Cruzamento com a Rod. José Roberto Magalhães Teixeira
28	Rod. Anhanguera	Altura Swiss Park
29	Rod. Anhanguera	Cruzamento com a Rod. Santos Dumont
30	Rod. Santos Dumont	Entrada Rod. Anhanguera
31	Av. Prestes Maia	Entrada Rod. Anhanguera
32	Rod. Anhanguera	Entrada para Marginal da Rod. Anhanguera
33	Marginal da Rod. Anhanguera	Entrada para Av. John Boyd Dunlop
34	Av. John Boyd Dunlop	Entrada para Av. Marginal da Av. John Boyd Dunlop
35	Marginal da Av. John Boyd Dunlop	Retorno da Av. John Boyd Dunlop na altura do Enxuto
36	Marginal da Rod. Anhanguera	Retorno para Av. John Boyd Dunlop
37	Marginal da Rod. Anhanguera	Entrada Av. John Boyd Dunlop
38	Rodovária de Campinas	Entrada para Av. Gov. Pedro de Toledo
39	Av. Gov. Pedro de Toledo	Entrada Av. Dr. Alberto Sarmento
40	Rod. Anhanguera	Altura Conj. Hab. Padre Anchieta
41	Rod. Dom Pedro I	Entrada para Rod. Anhanguera
42	Rod. Anhanguera	Entrada para Marginal
43	Av. Crozimbo Maia	Altura Chevrolet
44	Av. Crozimbo Maia	Entrada para Av. João Perido Bumier
45	Rua Dr. Mascarenhas	Entrada para Av. Gov. Pedro de Toledo
46	Av. Dr. Moraes Sales	Altura Ford
47	Av. Dr. Moraes Sales	Altura Viaduto Laurão
48	Av. Dr. Moraes Sales	Entrada Rua Imã Serafina
49	Av. Anchieta	Entrada para Av. Crozimbo Maia
50	Rod. Prof. Zeferino Vaz	Altura Rod. Dom Pedro
51	Rod. Prof. Zeferino Vaz	Entrada para Av. Dr. Theodoro de Almeida
52	Av. Dr. Theodoro De Almeida	Entrada para Av. Luis Smânio
53	Praça Tiro de Guerra	(Baíão do Exército) Entrada para Av. Andrade Neves
54	Praça Nossa Senhora das Graças	Entrada para Av. Imperatriz Leopoldina
55	Av. Imperatriz Leopoldina	Altura Av. Brasil

Cartografia Sociais das Comunidades
 Afrodescendentes em Campinas/SP
 Comunidade de Jongo Dito Ribeiro - 2016
 Demandas: Placas

Preservação do Patrimônio Material

O Casarão da Casa de Cultura Fazenda Roseira foi construído por volta de 1850, sofrendo algumas alterações ao longo do seu período histórico, sendo a última reforma em 1920.

O prédio sofreu algumas depredações por parte do antigo proprietário, durante a passagem do Equipamento Público para a Prefeitura, acarretando em um cuidado permanente por parte da Comunidade Jongo Dito Ribeiro que, após várias denúncias ocupa o equipamento para preservá-lo. Sendo assim, um problema decorrente da Comunidade Jongo Dito Ribeiro é a preservação e a segurança do equipamento público.



Piscina abandonada



Rachadura na parede



Danos na infraestrutura



Falta de reparos



Falta de reparos no banheiro



Rachaduras na construção



Falta de reparos no teto



Rachaduras na construção



Reparo na estrutura



Reparo no telhado

Salvaguarda do Patrimônio Imaterial

É de extrema importância a salvaguarda do Patrimônio Imaterial Comunidade Jongo Dito Ribeiro visto que suas ações na Casa de Cultura Fazenda Roseira atuam para a preservação da Ancestralidade Africana e Afrodescendente no município de Campinas – SP.

AÇÕES DA COMUNIDADE JONGO DITO RIBEIRO

- ARRAIAL DO JONGO - Festa Julina no 2o sábado de julho - Calendário Oficial Turístico de Campinas e do estado de São Paulo
- RODA DA MÃE PRETA - 20 de Novembro - Dia da Consciência Negra
- FEIJOADA DAS MARIAS DO JONGO - 3o domingo de março
- CARNAROSEIRA - Baile Carnavalesco Bial
- AFROHACKER - Laboratório de tecnologia, documentação e informática
- CIRCULO SAGRADO DE MULHERES - Equilíbrio entre corpo feminino e natureza
- CENTRO DE REFERENCIA JONGUEIROS E JONGUEIRAS DO SUDESTE - 1o no Estado de São Paulo
- EDUCAÇÃO PATRIMONIAL - oficinas e formação para docentes e discentes
- JUVENTUDE DE TERREIRO - Encontro anual para preservação da cultura de matriz africana
- OFICINA DE TURBANTES - Cultura, arte e sustentabilidade
- DUAS MARIAS E UMA EDITE -Relação inter geracional entre jovens e idosos
- MÃOS DE CRIAÇÃO - Costura e sustentabilidade
- PROJETO OXOSI - OKE ARO - educação ambiental e agricultura quilombola



Culinário Afro



Projeto Ossain



Juventude de Terreiro





Roteiro Afro



Projeto Oxossi



Arraial Afrojulina



- PROJETO OSSAIN - Etnobotânica e fitoterápicos
- PERCUSSÃO AFRO - Toques e batuques
- CULINÁRIA AFRO - Culinária e sustentabilidade
- PISA NA TRADIÇÃO - Vivencia e prática de Jongo - quinzenal
- ROTEIRO AFRO - Turismo, história e sustentabilidade
- TEATRO DO OPRIMIDO - Teatro fórum
- PERSONAGENS - RUAS NEGRAS - Formação para fomento da lei 10639/03
- SE JOGA - Cultura, samba e musicalidade
- OFICINA DE JOGOS AFRICANOS - Brincadeiras
- CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA AFRODESCENDENTE - " Edite Ribeiro Barboza" - Acervo histórico, documental e áudio-visual
- SAMBA DE LUA - Musica, culinária e sustentabilidade
- SAMBA PRA SÃO JORGE - Cultura, música e mito
- SOU ÁFRICA EM TODOS OS SENTIDOS - Palestras, debates e reflexões - mês da Consciência Negra
- FORMAÇÃO DE PROFESSORES - LEI 10639/03 - Desconstruindo mitos
- OFICINA DE MITOLOGIA AFRICANA - Mitos e arquétipos
- CONTAÇÃO DE ESTÓRIAS - Pesquisa e formação em estórias e contos africanos

Maiores informações:

www.facebook.com/ComunidadeJongoDitoRibeiro

www.facebook.com/fazendaroseira

www.comunidadejogoditoribeiro.wordpress.com/

www.crjogoditoribeiro.org.br/centro-de-referencia

Assista ao Documentário: www.youtube.com/watch?v=fgJuwKJfgoQ&feature=youtu.be

Um futuro possível

[...]

“Uma comunidade jongueira herdeira de uma sabedoria ancestral, que pratica em seu cotidiano um conjunto de ações que fortalecem a identidade e auto-estima dos afrodescendentes. Transformou com seu trabalho coletivo e em rede, o equipamento público municipal em processo de depredação, em um território epistemológico de trocas de referência AFRO para a cidade de Campinas.

A Casa de Cultura Fazenda Roseira, nesta perspectiva é o lugar onde toda a população pode construir conjuntamente uma sociedade mais justa, igualitária e fraterna, através do acesso a Cultura Negra ainda desconhecida e incompreendida por muitos em nossa sociedade. Agrega para a cidade também, uma nova concepção de comunidade, do qual seus membros desde o início do século XX, são letrados, com índice 0 de analfabetismo e miserabilidade, tendo na maioria dos jovens negros, estudantes e/ou acadêmicos. Entre estes: Mestres, Doutores e Especialistas em diversas áreas do conhecimento. Que articulam e acreditam que quando as políticas públicas afirmativas igualitárias possibilitam o acesso e o desenvolvimento das potencialidades, tudo se transforma.

Nesta perspectiva, a Comunidade Jongo Dito Ribeiro colocada entre as "ditas minorias dos afrodescendentes", tornam-se protagonistas de uma nova história, da qual para além de um processo de escravidão, requalificam e ressignificam o território e contribuem para a construção de uma sociedade menos racista, discriminatória, desrespeitosa e menos intolerante.

"É uma Comunidade que não vive de Jongo, mas vive para o Jongo, tendo consciência da suas responsabilidades com seus ancestrais" - (Bianca Lúcia)

UBUNTU - "Sou porque Somos" (conceito Bantu)

Dessa forma, enxergar-se no mapa através da Cartografia Social, possibilita duas dimensões importantes: Para a Comunidade Jongo Dito Ribeiro, mais ferramentas para dialogar acerca de sua gestão compartilhada junto a Prefeitura Municipal de Campinas, como para a compreensão do tamanho de seu território real por meio de suas ações de âmbito Municipal, Estadual, Federal e Internacional.

Para os que puderam debruçar sobre esse Fascículo: A percepção de que Comunidades afrodescendentes urbanas, são grupos que na contemporaneidade, precisam de novas percepções conceituais para compreendê-las em suas complexidades e desafios diante das estruturas sociais, culturais, econômicas e políticas, consolidadas pelo escravismo.

É preciso descolonizar-se e a Cartografia Social é uma das ferramentas que pode contribuir para esse desafio e na consolidação do direito à cidade para todos.”

Alessandra Ribeiro

Mestre e Liderança da Comunidade Jongo Dito Ribeiro

Doutoranda em Urbanismo - POSURB - PUC Campinas

Palavras Finais (...)

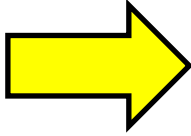
A Comunidade do Jongo Dito Ribeiro “nasceu” no quintal da casa da Dona Maria Alice. Anos se passaram e hoje a comunidade está presente fisicamente na Casa da Cultura Fazenda Roseira e, de forma imaterial, nas diferentes trajetórias dos jongueiros. Como eles afirmam: o Jongo está aonde o jongueiro está (...). Esta afirmação indica o quanto a cultura entendida também como prática social não pode ser dissociada de seus praticantes e dos diferentes lugares em que estão. Assim, a rede se amplia e, nesta mesma perspectiva precisamos ampliar o direito à cidade, à cidadania, o viver coletivamente harmonizando espaços públicos e privados.

Essas palavras equivalem a dizer que defendemos a tese de que o território pode ser mais democrático e que, talvez, a maior revolução que estamos vivendo, seja o fato de que não precisamos mudar de lugar para viver melhor; hoje é possível mudar o lugar que vivemos assumindo nossa coparticipação na gestão. Isso nos remete à apropriação do território de forma efetiva e responsável, gerindo-o para o bem-estar comum. Sem dúvida, é um novo paradigma que se coloca: gestões públicas democráticas exigem cidadãos conscientes de suas práticas sociais, sabedores de sua História e cientes de seu papel em uma sociedade que se (re)cria continuamente.

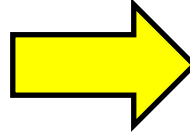
Essa tríade é facilmente perceptível na Comunidade Jongo Dito Ribeiro: sua prática social é entendida como extensão do próprio viver e a luta que embrenha só faz sentido porque conhece a sua História e sabe que a imaterialidade do Jongo se materializa na Casa da Cultura Fazenda Roseira.

A Cartografia Social, nesse caso, não revela o Jongo como patrimônio; ela revela.....

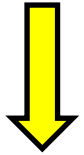
Reconhecimento



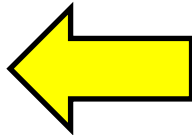
Compromisso



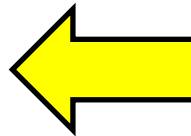
Cosmovisão e Preservação



Existência



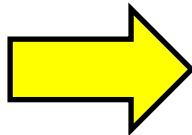
Direito



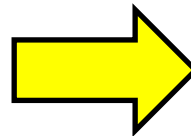
Dimensão



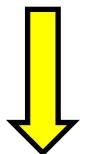
(Re)existência



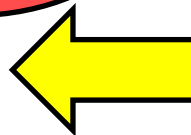
União e Participação



Território



POVO BANTO – UBUNTU



Rede





REALIZAÇÃO

